

# A (RE)CONSTRUÇÃO DOS REFERENTES NAS CRÔNICAS DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Héberton Mendes Cassiano (UESPI)

[hebertonmc@gmail.com](mailto:hebertonmc@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Os estudos de linguística textual têm evoluído para melhor atender à demanda de indagações acerca dos textos, suas funções, finalidades e sentidos. Os sentidos dos textos construídos nos gêneros textuais, as funções discursivas dos processos referenciais, entre outros casos, são, atualmente, foco de interesse de muitos lingüistas. Inúmeros pesquisadores, como por exemplo, Cavalcante, Koch, Marcuschi, tem tido a preocupação de esclarecer como funcionam os processos de retomadas e remissões e, com isso, tem acrescentado a cada período, novas informações sobre os referentes.

Os estudos sobre referenciação remontam trabalhos realizados em 1994, na Suíça, por Lorenza Mondada, quando a autora começou a descrever os processos discursivos, desde a introdução de um objeto do discurso aos ajustes sofridos por ele ao longo do texto. Logo depois, Apothéloz, em 1995, complementou esta discussão acrescentando que os objetos do discurso devem ser considerados construtos culturais representados na memória discursiva dos interlocutores e alimentado pela atividade linguística.

Podemos então afirmar, com base em todos estes autores, que o papel da referenciação é, sobretudo, mostrar como acontece a construção e reconstrução dos referentes nos discursos. No caso da pesquisa que realizamos, os processos de referenciação serão analisados nas crônicas de Luís Fernando Veríssimo, e assim observaremos como esses processos auxiliam na (re) construção não só dos personagens, como também dos elementos essenciais para o entendimento do texto. Esse artigo caracteriza-se como um recorte de um trabalho monográfico que teve o intuito de investigar os processos de referenciação presentes nas crônicas de Veríssimo, identificando nelas os principais processos e como eles são fundamentais na elaboração da ironia e do humor.

Outra proposta pertinente nesse trabalho é analisar os títulos e fazer uma relação entre eles e os textos, procurando mostrar se eles exercem alguma função discursiva e como interferem no entendimento das crônicas.

### 1. Princípios e Perspectivas da Linguística Textual

A Linguística Textual é uma área de estudo da linguística que tem como base o estudo do texto. Segundo Bentes (2005) o primeiro a utilizar esse termo foi o alemão Harald Weinrich que defendia que toda Linguística deveria ser obrigatoriamente de texto. Diferentemente de outras abordagens linguísticas, como o estruturalismo, por exemplo, que tinha como foco estudar a frase em sua estrutura e seus aspectos formalísticos, a linguística textual propõe trabalhar os processos comunicativos baseados na intenção de um autor que utiliza o texto para alcançar uma expectativa em

relação à compreensão das ideias do texto pelo leitor situado em um determinado contexto. Koch (1997, p.70) define Linguística Textual como aquela:

[...] que se propõe como tarefa investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos. Os textos passam a ser estudados dentro de seu contexto pragmático, isto é, o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições - externas ao texto - da produção, recepção e interpretação dos textos. [...]

Não se sabe ao certo quanto tempo duraram os primeiros períodos que englobaram os estudos sobre a linguística textual, mas é possível estabelecer três momentos que marcaram os estudos de texto: o primeiro, da análise transfrástica, baseado na limitação dos estudos sintáticos e semânticos em não conseguir englobar outros fenômenos e explicá-los; o segundo momento é o do surgimento das gramáticas de texto, que orientavam a competência gramatical do falante; e o terceiro momento é o dos estudos sobre o texto como construção de interação sócio-comunicativa entre os falantes.

Koch (2004) discorre sobre esses momentos dizendo que, na análise transfrástica, a preocupação que se tinha era com relação à frase, ou seja, era uma análise limitada apenas a elementos coesivos que não se ligavam à complexidade do texto. Já com o avanço da gramática de texto, o que se buscou fazer foi colocar o texto em destaque levando em consideração as regras (internalizadas) que os falantes deveriam usar como forma de elaboração e compreensão dos discursos. Não satisfazendo as necessidades dos pesquisadores em relação ao processo comunicativo, a linguística textual lança a textualidade e a interação como elementos essenciais e que conseguem abranger todos os outros estudos. Segundo Marcuschi (1998), os primeiros autores a estabelecer a noção de textualidade, foram Beaugrand e Dressler (1981), os quais a definiram como “modo múltiplo de conexão ativado sempre que ocorrem eventos comunicativos”.

Como ciência em desenvolvimento, a linguística textual tem crescido de forma a amenizar divergências causadas pela complexidade das abordagens dos estudos do texto, não desejando uma ciência conservadora e ortodoxa, mas sim uma ciência que converse com todas as perspectivas uniformizando uma teoria sólida. Como pioneiros desses estudos podemos destacar Roland Harweg (1968), Harald Weinrich, Wunderlich (1968, 1976, 1985).

Já no Brasil, essa proposta voltada para o estudo de texto, desde a década de 70, vem se expandindo com a abertura de novas linhas de pesquisas que se propõem a trabalhar aspectos ligados à construção discursiva e também pela necessidade dos estudiosos em tentar esclarecer suas inquietações acerca do processo sócio-interacional que o texto propicia.

A evolução dos estudos linguísticos instigaram a necessidade dos pesquisadores de identificar os objetos de discurso no texto e como eles funcionam de acordo com sua utilização no contexto. A partir daí começou-se a falar em estudos de referenciação os quais, entre outros objetivos, tem como finalidade esclarecer o funcionamento dos referentes construídos no texto identificando suas características.

É difícil definir referenciação tomando como conceito apenas a definição dada por um autor, pois cada um possui a sua maneira, mas todos eles compartilham de uma mesma ideia. Tomemos Koch (2009, p.123) com a sua definição para apresentar a ideia compartilhada de que “denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes”.

A utilização desse processo parte de uma escolha individual, pois cada autor, ou locutor do processo discursivo, utilizará a seu modo esse artifício na composição de (re) construção dos referentes, uma vez que esse autor é quem irá determinar o papel que esses referentes deverão assumir no contexto.

Nos estudos de referenciação é possível observar a presença de processos referenciais, que são estratégias que o autor se utiliza para apresentar os referentes no texto.

O primeiro processo a ser apresentado neste trabalho é a introdução referencial que pode ser observada quando o referente é inicialmente apresentado, ou seja, aparece pela primeira vez no contexto. Observe o exemplo (1) de Cavalcante (2011, p.54) e o exemplo (2) retirado de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, respectivamente.

(1)

“*O sujeito* chega para *o padre* e pergunta:

- Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros?
- É claro que não, meu filho!
- Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer o meu casamento.

(piada, *As melhores piadas de casseta e planeta*, v.4)

(2)

Quem dentre vós nunca sonhou em criar o seu próprio *agente secreto inglês* que atire o primeiro James Bond. [...]

( VERÍSSIMO, L.F. *A aposta do barão*, 1997, p.9).

Observe que no exemplo (1) por meio das expressões *o sujeito* e *o padre* os objetos do discurso a que eles se referem foram introduzidos pela primeira vez no contexto, não havendo incidência de uma aparição anterior ao que foi citado. No exemplo (2) o *agente secreto inglês* aparece no discurso pela primeira vez também se tornando um modelo de introdução referencial.

Outro processo referencial bastante utilizado na composição dos textos é a anáfora, que diferente do processo anterior, se subdivide em duas categorias: anáfora direta e anáfora indireta.

O processo da anáfora direta acontece pelo resgate de um referente apresentado anteriormente, de forma que a expressão referencial retoma o referente completamente. Nesse caso, por exemplo, a utilização de pronomes em terceira pessoa, ou a repetição do próprio referente apenas retoma esse elemento introduzido, estabelecendo além de tudo, uma unidade na construção do texto, como se pode observar no exemplo (3):

(3)

*O tímido* tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. (...)

( VERÍSSIMO, L.F. *Da timidez*, 2000a, p.42)

No exemplo (3) observamos a retomada do referente pelo uso da expressão referencial *o tímido* que é reconhecida como um caso de repetição. O ato de repetir uma expressão dentro do texto pode ser muitas vezes encarado como algo simples, de pouca

importância na elaboração do texto, mas acreditamos que o leitor poderá encontrar alguns casos em que a repetição funciona como uma estratégia com a qual o autor aponta para uma característica que deve ser notada como irônica, ou até mesmo como um aspecto passível de mudança ou de alvo para uma reflexão.

Como podemos perceber, a anáfora direta é um processo bem mais simples de se identificar, e por isso, os estudos de referenciação tomam-o de maneira breve dando mais ênfase ao outro tipo de anáfora que também se apresenta nos textos: a anáfora indireta.

Enquanto a anáfora direta utiliza uma expressão que reconstrói ou reativa o referente citado inicialmente, a anáfora indireta trabalha ativando um novo referente, e se caracteriza por não possuir indícios de referentes antecedendo o processo anafórico, ou seja, não podem ser apontados no texto, uma vez que a base que fundamenta as anáforas indiretas são suas sustentações nas âncoras, através de inferências baseadas pelo conhecimento de mundo ou, segundo Koch (2009) das *relações meronínicas* (*relações parte-todo*).

Ainda tomando como base a definição de anáfora indireta, Koch (2002; p.107) afirma:

As anáforas indiretas caracterizam-se, assim pelo fato de não existir no contexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa), que se pode denominar âncora (cf. Schwarz 2000) e que é decisivo para a interpretação; ou seja, trata-se de formas nominais que se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, o que permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais que mobilizam conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.

Vejamos o exemplo (4) retirado de Cavalcante (2011, p.54) para entender como se dá o processo de construção da anáfora indireta:

(4)

#### A energia do *Shiatsu*

Há séculos que os japoneses recorrem aos benefícios dessa massagem, que usa a pressão (*atsu*) dos dedos (*shi*) para aliviar tensões e dores de cabeça. Segundo o terapeuta Kioshi Kikuto, do Rio de Janeiro, a técnica chegou aqui com os imigrantes japoneses, que aplicavam a massagem entre si para amenizar as dores causadas pelo trabalho na lavoura. Nesses 100 anos, o shiatsu sofreu algumas adaptações: “No Japão, a pressão dos dedos é maior e mais pontual; aqui é comum associar técnicas de alongamento e relaxamento na mesma sessão”, diz Carla Godinho, professora de terapias corporais do Senac de Fortaleza. Para ter certeza de que a massagem foi bem-feita, Kioshi ensina: “A primeira sensação é de dor, seguida por um enorme conforto. Desconfie se sentir apenas uma coisa ou outra”.

(revista *Cláudia*, maio de 2008)

Conforme a análise da autora, a construção do exemplo (4) foi baseada na introdução referencial apresentada no título *Shiatsu*. No início do parágrafo é possível

fazer com precisão a ligação de *Shiatsu* com a expressão dessa massagem, pois mesmo que o leitor não entendesse a princípio que se tratasse do nome da massagem, ele está servindo de âncora para a expressão seguinte que já vem descrevendo do que se trata.

Quando o autor prossegue falando da pressão dos dedos, também está ligando essa expressão à massagem através de um conhecimento que ele já descreveu antes na explicação do termo *shiatsu*. É um tipo de anáfora indireta porque ativa um novo referente e permite que o leitor construa o sentido desse referente tomando como base a massagem.

Esse é o papel das anáforas indiretas: promover uma ativação de referentes baseado no contexto de determinado assunto abordado por quem produziu o texto, remetendo a algo anteriormente dito, e construindo novos referentes capazes de permitir a relação dessa com o referente proposto.

Um outro tipo de processo referencial definido por Cavalcante (2011) como anáfora indireta é o encapsulamento. Se diz anafórico não porque retoma algum referente antecipado no discurso, mas sim diversos assuntos elencados ao longo do texto. Para Conte (2003) o encapsulamento é um “recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto”. Observemos o exemplo (5) que ela apresenta:

(5)

Hoje, todos os melhores espaços produtivos estão ainda na mão da velha estrutura do estado. Levará tempo para mudar esta situação.

(CONTE, 2003, p. 178)

No exemplo (5), observa-se que a expressão destacada está desempenhando a função de reunir em seu contexto todo um conjunto de informações anteriores. É esse o papel desempenhado pelas anáforas encapsuladoras.

Além desses processos vistos anteriormente, é possível encontrar um outro processo também bem relevante, que é o processo de recategorização. Na produção discursiva, o locutor se utiliza de uma infinidade de nomes que irão ser escolhidos dependendo da necessidade e do papel que eles deverão assumir no co(n)texto.

A partir daí as características desses referentes poderão ser transformadas ao longo do texto através das recategorizações, permitindo o acréscimo de novas informações ou suprimindo o que for desnecessário conhecer. Essa ferramenta e escolha dependerão da intenção do locutor. Os exemplos a seguir, (6) e (7), ilustram esse processo:

(6)

[...] O *Q*, que era um O com a língua de fora. De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério. [...]

(VERÍSSIMO, L.F. ABC. 2000a. p.44)

No exemplo (6) tem-se um caso de recategorização, pois com a introdução referencial representada pela letra *Q* o autor desenvolveu a expressão um O com a língua de fora, acrescentando certas informações que se ligavam ao referente, ou seja, a intenção do autor com essa elaboração era chamar atenção para a composição estética da letra *Q*, atribuindo significados para suas características.

## 2 – Veríssimo e os processos referenciais: a construção dos sentidos

A partir de uma fundamentação teórica pertinente à língua de pesquisa que o trabalho se configurou, podemos classificá-lo como um trabalho de natureza teórico-aplicada, e a amostragem tem uma perspectiva qualitativa, não quantitativa, uma vez que a presença dos fenômenos aqui buscados já é o bastante para a instauração dos sentidos pretendidos. A realização de tal pesquisa só foi possível após a seleção aleatória de 15 crônicas de Luís Fernando Veríssimo, de diferentes obras, com o objetivo de explicar a construção e reconstrução dos referentes, além de compreender o papel dos processos referenciais na elaboração da ironia e do humor, típicos do autor.

A segunda etapa envolve a identificação dos processos referenciais presentes nos textos selecionados. Observaremos, principalmente, os casos de anáforas diretas e indiretas, incluindo os encapsulamentos. O terceiro momento compreende a análise, à luz da referenciação, dos referentes construídos por meio das expressões referenciais, observando as principais estratégias utilizadas pelo autor na elaboração de suas crônicas. Ratificamos que escolhemos estas categorias de análise por acreditarmos que são elas, entre outras estratégias, protagonistas do processo de elaboração da ironia e do humor de Veríssimo em suas crônicas.

Observaremos a seguir, a análise das crônicas de Luís Fernando Veríssimo onde se concentrará a observação e explicitação dos processos referenciais dentro desses textos. Os trechos analisados irão mostrar como o autor dessas crônicas se utilizou de tais processos, para elaborar/construir os referentes no texto, uma vez que poderá ocorrer do processo utilizado modificar as características do referente inicial atribuindo-lhe novas características e também dando cronologia à narrativa.

O primeiro deles é a introdução referencial. Esse processo, dentre todos os outros, é o mais simples de ser apresentado e observado. Ele se refere ao ato de incluir pela primeira vez um referente no contexto sem ter sido retomada por qualquer outra palavra ou expressão. Observe o exemplo (7) :

(7)

*O cinema americano* sempre deu um valor mágico às coisas do cotidiano. Fred Astaire dançava com uma vassoura ou um cabide. Um manequim de costureira era objeto de uma ária de amor.

(VERÍSSIMO, L.F. Os espíritos da casa. 2002, p.23)

No exemplo (7) percebeu-se que o termo *o cinema americano* apareceu pela primeira vez no contexto. Essa primeira aparição é o que os estudiosos chamam de introdução referencial.

A introdução referencial vem a ser o primeiro processo a ser explicitado porque outros processos que irão ser mostrados na sequência são dependentes do entendimento desse, como é o caso das anáforas, direta e indireta, que veremos a seguir.

A anáfora direta é o processo em que um referente que já foi de algum modo ativado, ou seja, apareceu pela primeira vez no contexto, é retomado por outras expressões ou reativado pelas mesmas palavras dando linearidade e coesão ao texto.

Por se tratar de um processo de anáfora direta podemos afirmar que é, além de tudo, correferencial, pois a retomada ou reativação do referente inicial é total. Com

relação a esse tipo de anáfora (direta e correferencial) observamos que três tipos dela foram percebidos na análise das crônicas. Vejamos o exemplo (8) abaixo:

(8)

*Ubiratan S.*, funcionário público, 47 anos, casado com Hilda S., prendas domésticas, sem filhos, acordou no meio da noite de um sonho burocrático. O telefone estava tocando. Ubiratan S. olhou seu relógio de pulso, que nunca atrasava ou adiantava. Duas e 22. Àquela hora, só podia ser morte na família ou engano. O tio Potiguar, pensou Ubiratan S., levantando-se, tonto. Morreu. Quando ergueu o fone do gancho, Ubiratan S. já reorganizava, mentalmente, a sua rotina do dia seguinte, quinta-feira, para acomodar o velório e o enterro do tio Potiguar.

(VERÍSSIMO, L. F. Os diamantes chegaram. 1997, p. 10-11)

No exemplo (8) observemos com clareza o que se chama de anáfora direta correferencial. Observamos que *Ubiratan S.* foi introduzido pela primeira vez e no cotexto sequenciado por uma predicação. Ao longo do parágrafo o mesmo referente foi retomado várias vezes pela mesma expressão inicial, *Ubiratan S.*, mas nesse é possível perceber que ele não sofreu alteração no seu perfil inicial. É o que se entende por correferência. Ainda nesse caso a anáfora assume ainda uma outra classificação que é a anáfora por repetição, pois se caracteriza pela repetição do referente no decorrer do texto atribuindo-lhe, ou não, novas características. No exemplo seguinte (9) temos um outra classificação que podemos chamar de anáfora direta correferencial por sinônimos. Vejamos:

(9)

O pai deu uma bola de presente ao *filho*. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.  
O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse "Legal!".

(VERÍSSIMO, L.F. A bola. 2000a, p. 17)

O exemplo acima (9) se configura como um processo anafórico direto e correferencial porque um referente já mencionado, *filho*, foi retomado através de um outro sintagma nominal, o garoto. Diferentemente do exemplo (8) que a anáfora se configurava pela repetição do referente, nesse caso é possível perceber que tanto a introdução referencial quanto a anáfora são constituídos de palavras diferentes, mas que o contexto permite afirmar que elas são sinônimas, pois a expressão o garoto remete a *filho* nas mesmas qualidades, permitindo dizer que esse processo é anafórico por sinonímia.

Outro caso de anáfora direta é aquela em que o elemento introdutório é retomado através de um pronome. Observe:

(10)

Alguém, algum dia, deveria fazer um estudo aprofundado sobre *o Amigo do Herói*, aquela figura que, desde Sancho Panza, atravessa as narrativas do Ocidente em várias formas, mas com certas características reincidentes. Ele é sempre um suberói, inferior de algum jeito ao herói.

(VERÍSSIMO, L. F. Duplas. 2002, p.73)

No caso do exemplo (10) há uma anáfora direta e essa forma é uma das mais usados para retomar o referente. A utilização dos pronomes fazem a ligação direta do referente com a anáfora. No exemplo acima temos como introdução *Amigo do Herói* que logo em seguida é retomado pelo pronome *ele*. Esse pronome é utilizado para sustentar informações sobre o referente e abrir espaço para que novas informações possam ser acrescentadas.

Os três exemplos de anáfora direta acima (8), (9) e (10) foram destacados devido a retomada dos respectivos referentes e a importância deles como determinantes para o entendimento da crônica. Observamos que as anáforas diretas correferenciais se apresentaram de formas diferentes como opções para a construção da crônica e a retomada dos referentes nela existentes.

Existe ainda um outro processo anafórico que remete diretamente a um referente, mas que ao contrário da correferência, que não altera as características do personagem da crônica (referente); esse já marca uma modificação ou caracterização diferenciada do personagem retomando-o com outras qualidades, é a chamada recategorização. Observe o exemplo (11):

(11)

O apelido dele — *Fuminho* — tem origens que é melhor não investigar. Era o pulha perfeito. Um mau-caráter tão completo que até despertava uma certa ternura nas pessoas. Os amigos diziam “flor de cafajeste” como quem diz “flor de sujeito”, e contavam suas aventuras com grande admiração.

(VERÍSSIMO, L.F. Caso do divórcio (II). 1997)

No exemplo (11) tomemos o referente evocado pela expressão referencial *Fuminho* como ponto de partida. Ele foi a apresentação de um referente que será retomado pelo processo de recategorização. A sequência textual apresenta características do referente que antes se desconhecia como as expressões o pulha, mau-caráter e flor-de-cafajeste. Todas essas qualificações retomam diretamente o referente *Fuminho*, e é importante observamos que de acordo com a aparição das próximas anáforas recategorizadoras vão surgindo informações que a princípio se desconhecia. Mesmo não se repetindo o referente a partir da mesma expressão, nem utilizando um pronome como instrumento de retomada da introdução referencial (*Fuminho*) é possível fazer a ligação entre o referente e as expressões recategorizadoras. Daí ela ser também considerada uma anáfora direta recategorizadora.

O papel das anáforas diretas recategorizadoras é esse acréscimo de informações que permite que os personagens das crônicas se completem de informações necessárias para o leitor identificá-los. Além da anáfora direta temos a anáfora indireta que possui características diferenciadas da primeira.

A anáfora indireta é o processo em que uma determinada expressão ativa novos referentes, uma vez que ela não retoma completamente o referente inicial como vimos no processo anterior. Mesmo que a expressão referencial utilizada não seja correferencial ou então não esteja fazendo relação direta, a expressão anafórica utiliza um referente como âncora para se ativar em forma de referência indireta como pode ser observado no exemplo (12) abaixo:

(12)

*Uma barata* acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e descobriu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Acionou suas antenas e não tinha mais antenas. Quis emitir um pequeno som de surpresa e, sem querer, deu um grunhido.

(VERÍSSIMO, L.F. *A metamorfose*. 1997, p. 32)

No exemplo (12) o primeiro contato que se tem é com o elemento *uma barata*. Essa expressão é uma introdução referencial e é informativo de que se trará possíveis informações desse inseto. Ao encontrarmos logo adiante as expressões suas patas e suas antenas é possível concluir que todas as informações que seguem, como predicativo ou não, se remetem às anáforas aí exemplificadas. Isso acontece pelo fato das anáforas indiretas desempenharem um importante papel metonímico, ou seja, as expressões suas patas e suas antenas constroem uma referência de parte pelo todo com o referente *uma barata*. Nesse caso o elemento inicial foi retomado indiretamente através de palavras que se ligam a características do inseto.

As anáforas, como vimos, são processos que têm a função de retomar ou remeter a um referente. De qualquer forma são estratégias que se utiliza para elaborar os textos com clareza e coesão. Veremos adiante um outro processo de retomada referencial que apresenta características peculiares chamado de encapsulamento.

Encapsulamento é um processo em que uma porção do texto é concentrada em uma expressão, ou melhor, uma palavra ou uma sequência acaba retomando parte do texto em que há uma informação muito extensa, assim como no exemplo (13):

(13)

[...] A última fondue de carne que comi foi em Gramado, sábado passado. Oito qualidades de molho: raiz-forte, laranja, rémoulade, Cardinale, creme, vinagrete, tomate, framboesa. Feitos por pessoas definitivamente de talento, no Restaurante Santo Humberto, com janelões sobre o lago Negro. A fondue do Santo Humberto foi no almoço. O jantar foi na casa da Olga Reverbel, e não preciso dizer que saiu tarde, pois às nove da noite a memória dos molhos ainda era mais forte do que a fome e todas as promessas culinárias de Olga. Fiquei com as crianças no jardim atirado numa rede, olhando para o céu mais estrelado da minha vida, enquanto as mulheres preparavam a janta. Um momento mágico.[...]

(VERÍSSIMO, L.F. *Fondue com estrelas*. 2000, p. )

O exemplo (13) acima apresenta o processo de encapsulamento através de um sintagma nominal. Veja que, antes de encapsular, um determinado momento está sendo narrado pelo personagem e uma passagem em particular em que ele diz Fiquei com as crianças no jardim atirado numa rede, olhando para o céu mais estrelado da minha vida, enquanto as mulheres preparavam a janta vem logo sendo resumida pela expressão *Um momento mágico*. Esse resumo é, em tese, considerado anafórico, pois remete a uma parte do texto em que há informações dispersas e que servem de referente para a interpretação da crônica.

O título das crônicas pode ser pensado como algo que remeta a informações que se encontrarão ao longo do texto, assim como se exige que venha a ter qualquer produção. No caso das crônicas de Luís Fernando Veríssimo temos títulos que remetem ao simples desenrolar da crônica, mas temos títulos que tem papel fundamental na

contextualização e na construção da ideia que o escritor quis passar. Observe o exemplo (14) em que o título tem um papel encapsulador e ao mesmo tempo intertextual:

(14)

### A metamorfose

Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e descobriu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Acionou suas antenas e não tinha mais antenas. Quis emitir um pequeno som de surpresa e, sem querer, deu um grunhido. As outras baratas fugiram aterrorizadas para trás do móvel. Ela quis segui-las, mas não coube atrás do móvel. O seu primeiro pensamento humano foi: que vergonha, estou nua! O seu segundo pensamento humano foi, que horror! Preciso me livrar dessas baratas!

Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia o seu instinto. Agora precisava raciocinar. Fez uma espécie de manto da cortina da sala para cobrir sua nudez. Saiu pela casa, caminhando junto à parede, porque os hábitos morrem devagar. Encontrou um quarto, um armário, roupa de baixo, um vestido. Olhou-se no espelho e achou-se bonita. Para uma ex-barata. Maquilou-se. Todas as baratas são iguais, mas uma mulher precisa realçar a sua personalidade. Adotou um nome: Vandirene. Mais tarde descobriu que só um nome não bastava. A que classe pertencia? Tinha educação? Referências? Conseguiu, a muito custo, um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe dava acesso a sujeiras mal suspeitadas, era uma boa faxineira.

Difícil era ser gente. As baratas comem o que encontram pela frente. Vandirene precisava comprar sua comida e o dinheiro não chegava. As baratas se acasalam num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Se conhecem, namoram, brigam, fazem as pazes, resolvem se casar, hesitam. Será que o dinheiro vai dar? Conseguir casa, móveis, eletrodomésticos, roupa de cama, mesa e banho. A primeira noite. Vandirene e seu torneiro mecânico. Difícil. Você não sabe nada, bem? Como dizer que a virgindade é desconhecida entre as baratas? As preliminares, o nervosismo. Foi bom? Eu sei que não foi. Você não me ama. Se eu fosse alguém você me amaria. Vocês falam demais, disse Vandirene. Queria dizer, vocês, os humanos, mas o marido não entendeu; pensou que era vocês, os homens. Vandirene apanhou. O marido a ameaçou de morte. Vandirene não entendeu. O conceito de morte não existe entre as baratas. Vandirene não acreditou. Como é que alguém podia viver sabendo que ia morrer?

Vandirene teve filhos. Lutou muito. Filas do INPS. Creches. Pouco leite. O marido desempregado. Finalmente, acertou na esportiva. Quase quatro milhões. Entre as baratas, ter ou não ter quatro milhões não faria diferença. A barata continuaria a ter o mesmo aspecto e a andar com o mesmo grupo. Mas Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Trocou de bairro. Comprou casa. Passou a vestir bem, a comer e dar de comer de tudo, a cuidar onde colocava o pronome. Subiu de classe. (Entre as baratas, não existe o conceito de classe.) Contratou babás e entrou na PUC. Começou a ler tudo o que podia. Sua maior preocupação era a morte. Ela ia morrer. Os filhos iam morrer. O marido ia morrer — não que ele fizesse falta. O mundo inteiro, um dia, ia desaparecer. O sol.

O Universo. Tudo. Se espaço é o que existe entre a matéria, o que é que fica quando não há mais matéria? Como se chama a ausência do vazio? E o que será de mim quando não houver mais nem o nada? A angústia é desconhecida entre as baratas.

Vandirene acordou um dia e viu que tinha se transformado de novo numa barata. Seu penúltimo pensamento humano foi, meu Deus, a casa foi dedetizada há dois dias! Seu último pensamento humano foi para o seu dinheiro rendendo na financeira e o que o safado do marido, seu herdeiro legal, faria com tudo. Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um móvel. Não pensava mais em nada. Era puro instinto. Morreu em cinco minutos, mas foram os cinco minutos mais felizes da sua vida. Kafka não significa nada para as baratas.

(VERÍSSIMO, L.F. A metamorfose. 1997, p. 32-33)

Através de um conhecimento prévio da obra *Metamorfose*, de Franz Kafka, é possível, de início, que o leitor já possa pensar em uma possível intertextualidade. Ao reservarmos essa ideia para um segundo momento, toda a narrativa centrada na ideia de transformação da barata é encapsulada pelo título. A “metamorfose” da crônica é bem mais complexa do que a da obra, pois a barata se transforma em ser humano e por fim em barata novamente. Esse fenômeno é biologicamente chamado de metamorfose e como o processo acontece de acordo com o avanço da narrativa, o título acaba retomando essa transformação.

Ao final, quando Veríssimo cita Kafka, ele permite afirmar que há essa intertextualidade pensada no início.

A intenção de Veríssimo com essa crônica era promover uma reflexão sobre a transformação do inseto em ser humano e a condição existencial de cada um deles utilizando aspectos humorísticos, típicos do autor. Nesse caso concluímos a partir disso que, o título pode apontar para a necessidade do leitor reinterpretar os sentidos construídos no início da leitura. O processo de elaboração dos referentes se dá, muitas vezes, como uma espiral em que é preciso retomar os sentidos já ativados e reativá-los sob nova orientação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve a finalidade de apresentar uma relação teórica entre os processos de referenciação e um gênero textual específico, a crônica. Ele poderá contribuir ainda para futuras propostas metodológicas sobre o estudo do gênero crônica e da sua adaptação para a sala de aula, permitindo que o professor consiga identificar e mostrar aos alunos como um determinado autor constrói a sua intencionalidade não só na crônica, como em outros gêneros textuais.

Observamos ainda que esse trabalho não encerra os estudos de referenciação. Nós o consideramos como ponto de partida para outras análises sobre a crônica a partir do olhar da referenciação, investigando outros fenômenos diferentes dos que escolhemos para esta pesquisa, como por exemplo, o fenômeno da dêixis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. IN.: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: Sobre Coisas Ditas e Não Ditas*. Fortaleza: edições UFC, 2011.

CONTE, M. E. Encapsulamento Anafórico In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Introdução à lingüística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Ler e escrever: estratégias de produção textual/ Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. – São Paulo: Contexto, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Ed Morte e outras histórias. Porto Alegre. L&PM Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. A mesa voadora. Rio de Janeiro. Objetiva. 2000

\_\_\_\_\_. Banquete com os deuses. Rio de Janeiro. Objetiva. 2002.

\_\_\_\_\_. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro. Objetiva. 2000a.